

Cartografando territórios da arte contemporânea: materiais educativos no salão Elke Hering

José Inacio Sperber^{ID}

(Universidade Regional de Blumenau — FURB, Blumenau/SC, Brasil)

Suellen Alves Francisco^{ID}

(Universidade Regional de Blumenau — FURB, Blumenau/SC, Brasil)

Carla Carvalho^{ID}

(Universidade Regional de Blumenau — FURB, Blumenau/SC, Brasil)

RESUMO — Cartografando territórios da arte contemporânea: materiais educativos no salão Elke Hering — O artigo discute a mediação cultural em espaços museais de arte e explicita investigação que objetivou desenvolver Materiais educativos (ME) que aliem conteúdo do Museu de Arte de Blumenau (MAB) com vistas à mediação cultural para a educação estética. É uma pesquisa de abordagem qualitativa e cunho documental, que utiliza a cartografia para o levantamento de conteúdos no desenvolvimento do ME. Em formato digital, o ME desenvolvido tem como tema as obras vencedoras do primeiro lugar do Salão Elke Hering, parte do acervo do MAB, na relação com temas da arte contemporânea. Os resultados discutem a democratização da arte e a mediação cultural para a ação de mediadores/professores.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação Cultural. Museu de arte. Materiais educativos. Cartografia. Salão Elke Hering.

ABSTRACT — Cartographing contemporary art territories: educational materials at the Elke Henring Hall — This article focuses on cultural mediation in museum art spaces from a study that aimed to develop Educational Materials (EM) related to the Blumenau Art Museum (BAM), that addressed cultural mediation for aesthetic education. This qualitative research study with a documentary nature uses cartography to survey contents for the development of EM later applicable in educational programs - in museums and in formal education. The first place awarded works at the Elke Hering Hall were used to produce an EM in the digital format. The results lead into reflection on the importance of museums for the democratization of art, of cultural mediation for the educational process and of the EM for the action of mediators/teachers.

KEYWORDS

Cultural Mediation. Art Museum. Educational materials. Cartography. Elke Hering Hall.

RESUMEN — Mapeo de territorios del arte contemporáneo: materiales educativos en la sala Elke Hering — El artículo analiza la mediación cultural en los espacios de arte de museos y la investigación explícita que incentivo el desarrollo de materiales educativos (ME) que combinen contenido del Museo de Arte de Blumenau (MAB) con miras a la mediación cultural para la educación estética. Se trata de una investigación con enfoque cualitativo y carácter documental, que utiliza la cartografía para relevar contenidos en el desarrollo del ME. En formato digital, el ME desarrollado tiene como tema las obras ganadoras del primer lugar en el salón Elke Hering, parte de la colección del MAB, con relación a temas del arte contemporáneo. Los resultados discuten la democratización del arte y la mediación cultural para la acción de mediadores/docentes.

PALABRAS CLAVE

Mediación cultural. Museo de Arte. Materiales educativos. Cartografía. Elke Hering.

Continuando percursos... Descobrimos caminhos

Este artigo é resultado final do projeto de pesquisa intitulado *Materiais educativos no Museu de Arte de Blumenau – MAB: processos de mediação cultural em foco*, que foi aprovado em edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2018. Esta investigação dá continuidade aos trabalhos realizados no projeto *Mediação cultural: materiais educativos no Museu de Arte de Blumenau – MAB*, aprovado no edital Pibic/CNPq – 2017 e realizado, entre os anos de 2017 e 2018, com as obras presentes no acervo do MAB. Em suas investigações, os autores se debruçam sobre conceitos como a mediação cultural e a curadoria educativa, teorias essenciais para pensar o espaço do museu de arte como lugar de encontros entre arte e educação (RAIZER; CARVALHO, 2018). A pesquisa se desenvolveu tendo como ponto de partida a ideia de produzir Materiais Educativos (ME) a partir de obras de artistas da região de Blumenau/SC, para dar suporte a professores, mediadores e interessados na arte local. Como considerações finais, os autores concluem que o estudo serve como base para que outras pesquisas aprofundem as discussões sobre o acesso aos bens artísticos e culturais de Blumenau e região (RAIZER; CARVALHO, 2018).

A partir das pesquisas realizadas pelos autores, esta investigação dá continuidade aos estudos sobre o acervo do MAB, com vistas a outro grande evento que marcou o cenário da arte blumenauense e compõe o acervo do Museu, o Salão Elke Hering.

Blumenau é, até hoje, uma das cidades que representam o estado de Santa Catarina no que se refere à arte e à cultura; abriga a maior festa alemã fora da Europa e conta com uma gama de museus que guardam sua história e todo o seu legado cultural e artístico. Neste cenário, destaca-se o MAB, um dos principais museus no circuito de arte de Santa Catarina. Atualmente, o Museu abre, em média, quatro temporadas de exposições por ano, nas quais já expuseram artistas

nacionais e internacionais, que contribuíram significativamente com a cultura e a arte blumenauenses. Além de ser a principal instituição cultural de arte de Blumenau, o Museu abriga um acervo rico, com obras não só de artistas locais e regionais, mas de outras cidades catarinenses, de outros estados do Brasil e, também, do exterior. O MAB, desde a data de sua fundação, em 2004, sedia o que hoje considera-se como um dos maiores eventos de Arte Contemporânea de Santa Catarina: o Salão Elke Hering.

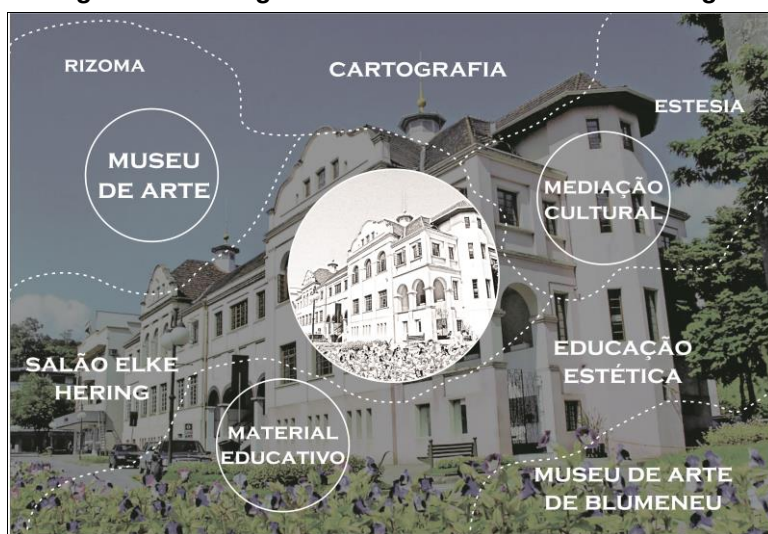
No ano de 1993, a Fundação Cultural de Blumenau (FCB) era presidida pela artista e escultora blumenauense Elke Hering¹ e tinha em sua direção de cultura Lygia Roussenq Neves, que, juntamente com outros colaboradores, dirigia a instituição. “Esse grupo propôs-se a fomentar a arte na cidade. No que concerne às Artes Visuais, foi organizado o Festival de Inverno, que deveria acontecer anualmente com exposições de vários artistas de Blumenau e região” (MADDALOZZO; SILVA, 2008, p. 2090-2091). Após a morte de Elke, em 1994, a equipe da Fundação, em homenagem à artista, intitulou de ‘Salão Elke Hering – Mostra Nacional Contemporânea de Artes Visuais’, o que, até então, era o Festival de Inverno. A primeira edição do evento foi realizada em novembro de 1994, contando com inscrições de mais de 300 artistas. A segunda edição do Salão ocorreu logo no ano seguinte, de 10 de julho a 6 de agosto, tornando-se, a partir de então, um evento bienal. No ano de 2001, a mostra passou a ser exibida no mês de outubro, o mesmo da Oktoberfest², período do ano em que a cidade recebe o maior número de turistas. “A estratégia mostrou resultados positivos, e as atas da Fundação Cultural o comprovam: o número de visitantes subiu de 1.886 no 4º Salão para 2.183 no 5º, alcançando 9.000 no Salão seguinte [...]” (MADDALOZZO; SILVA, 2008, p. 2092). As exposições que percorreram a mostra de arte do Salão Elke Hering utilizavam diversas linguagens das Artes Visuais, desde as mais clássicas, como o desenho, a gravura e a escultura, até linguagens mais contemporâneas, como a fotografia, a instalação e a videoarte. O Salão Elke Hering permaneceu no cenário das artes visuais de Blumenau durante 20 anos (1994-2014), somando 11 edições. Nesse período, contribuíram para a arte local

e brasileira inúmeros artistas, nacionais e internacionais, propiciando ao público acesso à Arte Contemporânea nacional. O Salão, além de se tornar um dos eventos de arte mais importantes de Santa Catarina, preocupou-se em lembrar da memória da artista Elke Hering, que tanto contribuiu para a expansão e representatividade da arte catarinense no cenário nacional e internacional.

Optamos, então, a partir do acervo do MAB, por investigar as obras vencedoras do primeiro lugar do Salão Elke Hering. O intuito da investigação foi desenvolver MEs que aliem conteúdo do Museu de Arte de Blumenau, com vistas à mediação cultural para a educação estética. Para alcançar esse objetivo, foram desenvolvidos alguns percursos no decorrer do processo de pesquisa, quais sejam: a) identificação, no MAB, dos conteúdos possíveis de serem utilizados em MEs, com foco em processos de mediação cultural; e b) definição dos pontos fortes do acervo do MAB que pudessem servir de foco para o desenvolvimento dos roteiros e recursos, considerando-se os objetos de saber, a relação com o público e a elaboração de MEs para o processo de mediação cultural.

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de cunho documental que compreende o espaço do arquivo histórico de Blumenau como lugar de potência para a pesquisa em arte a partir dos documentos que compõem seu acervo. Por meio da cartografia, buscamos registrar os processos que se desencadeiam no campo de estudo (Figura 1, Cartografia: conceitos abordados no artigo), a fim de materializar partes importantes do caminho da pesquisa, num percurso construtivo que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las, pois expõe não somente o resultado, mas também as etapas pelas quais a pesquisa passou até chegar à instância final (OLIVEIRA; MOSSI, 2014).

Figura 1 – Cartografia: conceitos abordados no artigo



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando nos referimos à cartografia, somos diretamente levados a estabelecer relações com a área da geografia, mas o método cartográfico surgiu com as pesquisas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, como nos apresentam Souza e Francisco (2016, p. 4):

Como método de pesquisa, a cartografia foi, originalmente, pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), na década de 1960, no contexto da esquizoanálise, tendo em vista que, no entendimento deles, os modelos de pesquisas disponíveis à época, de cunho eminentemente demonstrativos-representacionais, não se adequavam e nem conseguiam dar conta do teor processual do objeto dos seus estudos, qual seja, processos e produção de subjetividade.

Deleuze e Guattari (1995) se debruçam sobre a ideia do rizoma³, que pode ser descrito como uma rede de relações que se entrecruzam no decorrer do processo de pesquisa. Na estrutura rizomática, as conexões podem ser feitas entre quaisquer pontos, criando uma linha em que um ponto se conecta aos mais diversos pontos de um mesmo espaço. Do mesmo modo, estes pontos podem ser rompidos à medida que os processos se desencadeiam. Dentro de um ‘território’ de pesquisa, esta ideia corresponde aos pontos de estudos e análises que se entrecruzam em determinados momentos, mas que podem vir a se romper de acordo com resultados ou investigações que tendam a modificar a compreensão

do pesquisador acerca do campo de estudo ou do objeto pesquisado. Um dado que se considerava determinado pode perder o seu valor a partir do momento em que outro resultado, mais preciso ou mais esclarecedor, for obtido por uma nova investigação.

Segundo Uriarte (2017, p. 40, grifos do autor), vista de uma perspectiva mais poética, a cartografia pode ser definida como

[...] uma forma de desenhar o mundo, por meio do uso de linhas para demarcar, interpretar e reinterpretar seus territórios [...]. Ela também pode ser aplicada como: '[...] método de acompanhamento para traçar percursos poéticos, sendo aquilo que força a pensar e ver o todo do processo do artista pesquisador, dando-se como possibilidade de caminho a ser traçado no trabalho, como uma atenção voltada ao processo em curso'.

Por meio dessa reflexão, em um sentido mais artístico, a cartografia pode ser relacionada a um desenho: o pesquisador/cartógrafo desenha o seu mapa levando em conta que ele pode se modificar a qualquer momento, pois, apesar de as análises do território serem variáveis, tem uma noção de por onde será desenvolvido o percurso. A partir das primeiras análises, pode-se acrescentar novos registro de percurso ao mapa. E à medida que a pesquisa se desenrola, o desenho modifica-se e adere a novos formatos, informações são apagadas e novos desenhos se constroem, porque, assim como no rizoma, as perspectivas da “[...] cartografia ocupam-se de planos moventes, de campos que estão em contínuo movimento, na medida em que o pesquisador se movimenta. Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa” (COSTA, 2014, p. 71). Como no processo criativo de um desenho, o artista se envolve diretamente com a obra; e o cartógrafo, com o seu mapa. Pois “[...] a proposta da cartografia é que o pesquisador se inclua no território, componha sua paisagem, acompanhe os seus ritmos e processos, numa posição de atenção ao acontecimento para captá-lo em sua expressividade e singularidade” (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 6).

Enquanto metodologia de pesquisa que permite ao pesquisador participar ativamente e percorrer o território estudado, a cartografia admite a intervenção na realidade:

Pesquisar é intervir. Não há separação entre conhecer e fazer. Na pesquisa qualitativa de inspiração cartográfica não há qualquer pretensão à neutralidade. Não se parte da suposição da existência de um sujeito cognoscente, plenamente consciente de si, separado do mundo, constituído de objetos (realidades) a serem conhecidos (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 6).

A intervenção permite que o pesquisador/cartógrafo modifique o território analisado, deixando ali a sua marca, a sua visão e a sua perspectiva acerca do espaço por ele investigado. Outro fator que modifica um território é o local de onde este indivíduo o vê, sua área de conhecimento. A partir desse aspecto, todo o cenário se modifica; são pontos de vista diferentes, experiências advindas de outros campos de conhecimento. Nesta pesquisa, a cartografia se desenvolve sobre territórios muito propícios a mudanças: a educação e a arte. Em ambos os campos de pesquisa, encontramos diferentes perspectivas, visões se cruzam e se transformam a todo momento, e este movimento, característico da cartografia, é subjacente à ação do cartógrafo/pesquisador, que cria seus mapas sobre um território marcado por vivências que antecederam a sua chegada.

Esta cartografia iniciou com as observações das obras que compõem o acervo do MAB. A partir desta análise, entram em cena as obras vencedoras do Salão Elke Hering. Inicialmente, as investigações se concentraram no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, que fica localizado na cidade de Blumenau. A pesquisa de campo neste espaço buscou mapear e reconhecer as informações referentes aos artistas que ocuparam o primeiro lugar nas onze edições do Salão, para, posteriormente, adentrar no acervo do MAB e buscar o contato com as obras.

Observamos, neste percurso, ausência de dados específicos sobre as obras e, também, sobre os artistas. Incluímos na cartografia o contato com os artistas, para, via e-mail, buscar mais dados documentais sobre suas obras e biografias.

Segundo informações da diretoria do Museu, o MAB não possui todas as obras vencedoras em seu acervo; além disso, o espaço passa por reformas desde o ano de 2018. Por essa razão, o acesso às obras foi restrito. Esse fato, no entanto, reafirmou a relevância de nossa opção pelo contato direto com os artistas, pois assim teríamos registros sobre as obras.

Para alcançar os objetivos deste estudo, foi necessário aprofundar alguns conceitos teóricos durante a revisão bibliográfica, entre os quais: as questões acerca da mediação cultural em espaços não formais de ensino; os museus de arte e as relações com a mediação nestes espaços; além de apontamentos sobre a criação e elaboração do ME, que é o resultado final deste projeto. No decorrer da escrita deste texto, os conceitos estudados se entrecruzam e criam concepções sobre o objeto de estudo, buscando contribuir para as discussões sobre o tema e as pesquisas no campo da arte e educação.

Museus: espaços de encontro entre educação e arte

“O trabalho do museu é um serviço para a coletividade [...]” (PINTO, 2012, p. 86). Na atualidade, é quase inconcebível pensar o espaço museal sem a relação que se estabelece entre público e acervo. O museu possui papel fundamental dentro da sociedade, promovendo o acesso à história, à cultura, à tradição e à memória do povo. Mas é perceptível que muitos ainda percebem o museu com um espaço que guarda ‘velharias’ ou mesmo ignoram o seu papel social. Como já citado, através da mediação cultural, o museu também forma o seu público, principalmente se pensarmos no público escolar. Por isso, os museus são vistos como “[...] centros catalizadores de energia criativa das comunidades, estabelecendo uma ponte estimulante entre o presente, passado e futuro” (PILLOTTO; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2011, p. 21).

Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2009, s/p),

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele



a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma.

Um dos papéis fundamentais do museu é guardar a memória de seu povo. Logo, ir ao museu é conhecer a nossa história, os fatos que marcaram a trajetória de nossos antepassados, os objetos e artefatos que apresentam as tradições dos povos antigos, o contato com os objetos e artefatos históricos. Todos esses elementos proporcionam ao público o contato com a sua própria cultura e com diversas outras culturas presentes em nosso país e no mundo.

Como foco de estudo e campo de pesquisa, quando pensamos nos museus de arte, entendemos que sua contribuição para a sociedade se estabelece com a promoção da arte local, regional e nacional ao público através de seu acervo. Dada a rapidez cada vez mais desenfreada da contemporaneidade, o público, que muitas vezes se perde em meio à rotina, tem no museu a oportunidade de fruir arte, conhecer os artistas de sua região e explorar o mundo através de um outro olhar, o olhar sensível. O papel do museu de arte vai além de apenas divulgar ao público obras de arte; sozinho, o museu não sustenta a necessidade de proporcionar educação estética ao público. Para que esse objetivo seja alcançado, as ações de mediação cultural devem ser pensadas estrategicamente, para cada exposição, para cada mostra, para cada público, e cabe ao mediador definir os percursos de mediação e os recursos que utilizará para dar efetividade à mediação cultural.

Os museus de arte apresentam-se como uma extensão da sala de aula, visto que praticamente todas as visualizações de obras de arte na escola acontecem por meio de reproduções, sejam elas impressas ou projetadas com o auxílio de aparelhos multimídia. O espaço museal que acolhe a obra de arte é local potencialmente propício para o ensino das artes visuais. Sobre essa questão, Pinto (2012, p. 104) nos aponta que

[...] os estudantes, tais quais os professores, devem ser seduzidos pelos museus. Eles devem sentir a aproximação que a arte tem com a vida e com o repertório de imagens que eles possuem. Pois se o ensino da arte está presente nas escolas para provocar uma visão crítica da imagem de

maneira geral, os museus e centros culturais são os ambientes de aproximação desta nova realidade crítica que o ensino da arte colocará.

Ao se refletir sobre as diversas possibilidades que um museu de arte pode oferecer aos estudantes, observa-se que o professor de arte tem papel fundamental no processo de educação estética e no aumento do repertório imagético e artístico de seus alunos. Do outro lado, as direções dos museus devem planejar-se para receber alunos e professores e proporcionar uma mediação entre o público e as obras, buscando apresentar o acervo que compõe sua reserva técnica e estabelecer relações entre aquilo com que os alunos têm contato em sala de aula e as obras presentes no espaço museal. No que diz respeito a essa questão, Raizer e Carvalho (2018) julgam que o acervo do MAB ainda é pouco exposto, haja vista as poucas salas expositivas que possui. Por esse motivo, a criação dos MEs é de fundamental importância para que as obras existentes na reserva técnica do museu cheguem ao alcance dos arte-educadores e do público em geral. No MAB, acontecem exposições temporárias bimestrais, de artistas de todo o país, então o museu oferece a oportunidade de agendamentos para mediação cultural com a sua equipe. Apesar de ações como essa, os museus de arte ainda encontram grande dificuldade em oferecer mediações para o público, principalmente quando se trata de instituições afastadas dos grandes centros culturais. Por esse motivo, democratizar o acervo existente nas instituições através dos MEs é de grande importância para garantir ao público acesso à arte, visto que estes materiais podem possibilitar processos de curadoria sobre obras de artistas que suscitem novas propostas de mediação para estudantes e professores.

Mediando encontros com a cultura

A mediação cultural é um processo que estabelece relações com a prática educativa e propõe que intermediar o encontro dos indivíduos com a cultura é fator importante para o campo da educação, seja na escola, seja nos espaços não formais de ensino. No presente estudo, buscamos compreender como o ME pode contribuir, neste processo, como um dispositivo de mediação cultural que promova

o acesso às artes visuais nos mais variados contextos e espaços. Para compreender os demais conceitos que permeiam o campo da mediação cultural, é necessário elucidar o conceito de **mediar**. Para Uriarte, Neitzel, Carvalho e Kuipiec (2016, p. 41), mediar é:

[...] andar junto, promover encontros com a arte e cultura, esteja ela nos museus, nos livros, no teatro ou nos muros do colégio. Mediar é promover encantamento, mas também estranhamento, conversar e perguntar, ter dúvidas, inquietar-se e mover-se em diferentes direções. Mediar é estesiari os sentidos!

Sobre os fatores a serem observados com o público durante o processo de mediação cultural, Grinspum (2014, p. 275) compreende que

[...] o mediador deve levar em conta o repertório prévio, a partir do qual o espectador constrói narrativas iniciais e hipóteses, para em seguida, por meio de perguntas e respostas advindas dessa “conversa estética”, propiciar condições de visualização dos elementos constitutivos da obra, além de oferecer informações que não emergem da mera observação, mas que alteram os fluxos de interpretações possíveis para cada momento.

Para muitos, a mediação cultural serviria como uma espécie de ‘ponte’ entre o fruidor e o objeto artístico, criada pelo mediador cultural. Mas o papel da mediação é proporcionar caminhos para que o fruidor estabeleça conexões com a obra de arte, promovendo o encontro sensível entre o público e a visualidade. A partir desse entendimento, compreendemos que é necessário desconstruir a concepção de ‘ponte’, pois, ao se apropriar desta ideia, o mediador descarta fatores importantes para o processo de mediação, como as experiências que o indivíduo traz em sua memória, seu conhecimento prévio sobre arte, as relações estabelecidas no momento, a influência do espaço, entre outros elementos que influenciam o processo de mediação, cada qual uma possibilidade de caminho a ser construído, para que então o público acesse, de forma sensível, a obra de arte. Para Uriarte, Neitzel, Carvalho e Kupiec (2016, p. 58), a mediação

[...] não cabe apenas em ligar pontos convergentes ou tratar de pensamentos divergentes, tão pouco permitir a capacidade de julgar isto ou aquilo entre dois pareceres, mas diretamente associado ao processo de raciocinar, de pensar por intermédio de mais olhares, de reflexões

intermediárias que servem para um aprofundamento cognitivo, propor uma leitura compartilhada de diversos signos.

A mediação é aqui pensada como um processo rizomático, por isso seu campo de acontecimentos está em constante mudança. Cada espaço, obra ou indivíduo é um fator movente no cenário da mediação. Se um desses elementos se modifica, cabe ao mediador elaborar meios que possibilitem ao observador a melhor experiência possível. Buscando compreender esses fatores,

[...] entendemos que a mediação cultural depende do tipo de objeto que está sendo mediado, das representações construídas pelos sujeitos envolvidos no processo acerca daquele objeto, bem como a organização do espaço em que este se encontra. Representações que, por sua vez, vão interferir nas construções de significado e nas emoções resultantes do contato com o objeto, dos conhecimentos prévios que os sujeitos possuem acerca do objeto de arte, local e forma como o mediador opera a mediação (RAIZER; CARVALHO, 2018).

Para que sua experiência seja satisfatória nesse processo, o indivíduo deve sofrer um deslocamento, e esse movimento acontece através do corpo: um arrepio, as relações que lhe sugerem as suas vivências, as lembranças que lhe vem à mente, sentimentos de alegria, de tristeza etc. Esse fenômeno, que transcende o espaço e se desenvolve de maneira subjetiva, é compreendido como estesia: “[...] uma capacidade que permite a percepção, através dos sentidos, do mundo exterior” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 35). Mas, por um lado, se a estesia permite ao fruidor a vivência que desloca o corpo para além do simples olhar à obra de arte, fazendo com que este indivíduo tenha a experiência estética, por outro lado, o corpo não se move nem sofre a interferência sensível da obra, e cabe ao mediador evitar que o indivíduo observador da obra de arte seja anestesiado, como alertam Martins e Picosque (2012, p. 37):

O contrário da estesia é a anestesia, a dessensibilização que traz a crise de nossos sentidos. Seu efeito em nós deixa marcas profundas no modo de compreender o mundo e nele agir. Se por um lado ficamos com o fazer criativo rebaixado, agindo como meros executores de tarefas, por outro lado não baixamos mais os olhos para o lixo jogado no chão, o corpo estendido no chão.

Compreender a importância da figura do mediador para a experiência sensível do público no processo da mediação cultural abre espaço para pensarmos sobre a responsabilidade depositada neste profissional e os efeitos positivos e negativos que a experiência vivenciada pelo público pode ter na constituição deste sujeito. O mediador é também um formador de público. Os museus, em geral, oferecem atividades e horários diferenciados ao público escolar, consequentemente, o mediador foca sua atenção neste público específico, pois “[...] os mediadores culturais são compreendidos como educadores nos espaços de educação não formal” (FREITAS; CARVALHO, 2018 p. 120). Pensar no mediador e no público escolar traz à baila o conceito de curadoria educativa. No ambiente do museu, o curador faz a seleção das obras que compõem as mostras de artes visuais, mas este processo deve ser acompanhado pelo mediador, para que se pense também na parte educacional. Segundo Pinto (2012, p. 103), “Se a produção artística a ser exposta fosse dialogada e conversada entre educadores e curadores, haveria maior coerência no discurso apresentado para os maiores interessados no assunto: o público”. As funções do mediador e do curador se complementam e devem ser pensadas em conjunto, para que tanto o processo de curadoria educativa quanto a mediação cultural se apresentem como aliados na formação deste público que acompanha as exposições.

A curadoria educativa adentra no espaço escolar e nas aulas de artes, a fim de provocar os arte-educadores a construir, com responsabilidade, aulas voltadas à mediação cultural, e esse processo exige que o discurso e as obras escolhidas pelo professor sejam coerentes e se complementem. Martins e Picosque (2012, p. 116) afirmam que

O conceito de curadoria é expandido para uma noção educativa que tem como preocupação explorar a potência da arte pela ativação cultural de obras e artistas através da experiência e investigação estética na sala de aula. Ativar culturalmente é fazer circular, é dar acesso, aproximar. É impulsionar a potencialidade de obras e artistas submersos nos livros, nos museus, nos *sites*, nas reproduções esquecidas que fazem parte de nosso acervo de professores, para além daquelas sempre escolhidas. Reside nessa ação a formação cultural dos alunos. Formação esta que, impulsionada pela experiência, intensifica a habilidade perceptiva e

cognitiva para encontrar sentidos. A experiência estética pode ampliar o contato com o contexto social e cultural e o acervo imaginário de tal modo que obras e artistas passem a integrar o patrimônio pessoal como um bem simbólico interno, um repertório conectado à vida, para leitura das coisas do mundo e da própria arte.

A partir desse entendimento, o ME desenvolvido neste projeto busca servir de auxílio para professores e mediadores culturais, como uma ferramenta que possibilite ao público a estesia através do encontro sensível com a arte.

Materializando processos: o mapa educativo

Como resultado deste projeto de pesquisa, propusemo-nos a criar um ME capaz de proporcionar a professores e mediadores culturais a possibilidade de realizar uma mediação que propiciasse educação estética aos estudantes e ao público apreciador de arte. A partir dos estudos sobre a metodologia cartográfica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), compreendemos a criação deste ME como o desenho de um mapa, no qual todo o nosso percurso de pesquisadores no decorrer deste projeto está registrado. Por esse motivo, intitulamos este ME de 'Mapa Educativo'. Este mapa materializa nossos estudos acerca da arte contemporânea e sua relação com o museu de arte, a mediação cultural e a educação.

Antes de apresentar o resultado deste estudo, é necessário compreender todos os passos trilhados ao longo do território da nossa pesquisa. Para adentrar no campo de pesquisa, definimos como temática do ME as obras vencedoras do primeiro lugar do Salão Elke Hering – Mostra Nacional Contemporânea de Artes Visuais. As primeiras vivências no campo remetem às pesquisas no arquivo histórico José Ferreira da Silva. Neste espaço, em consulta a matérias veiculadas na imprensa, aos catálogos e aos demais documentos, buscamos localizar os artistas vencedores. Nessa etapa, selecionamos o nome dos artistas vencedores de todos os prêmios do Salão, bem como o título das obras. Na sequência, percebemos que a quantidade de obras e artistas era significativa e, assim, definimos que desenvolveríamos um ME somente sobre os artistas e obras que receberam a premiação do primeiro lugar. Tomamos a decisão curatorial do prêmio

como critério de seleção. Apresentamos, na sequência, a cartografia com o nome dos artistas selecionados (Figura 2).

Figura 2 – Cartografia: Vencedores do Salão Elke Hering (1º lugar)



Fonte: Elaborada pelos autores com dados da pesquisa.

Após tabular os dados coletados no arquivo histórico, nosso segundo território de pesquisa foi o MAB. O objetivo inicial era adentrar no acervo do museu, para observar as obras que se encontravam na reserva técnica, mas, desde o ano de 2018, este espaço está em reformas. Por esse motivo, as obras vencedoras do salão pertencentes ao acervo não puderam ser acessadas. Outro motivo que impediu nossa entrada na reserva técnica foi a estrutura das obras de arte. Por se tratar de Arte Contemporânea, havia muitas instalações grandes, que demandavam esforço para serem manuseadas, e este processo poderia danificá-las. Em visita ao Museu, foram coletados alguns dados sobre as obras vencedoras com a equipe do MAB, que nos

forneceu uma relação das obras presentes no acervo (Cartografia 2), além de um material multimídia (*Power Point*) com a retrospectiva dos artistas vencedores do Salão Elke Hering. A Figura 3 traz as obras presentes no acervo do MAB.

Figura 3 – Obras presentes no acervo do MAB



Fonte: Elaborada pelos autores com dados da pesquisa.

Mesmo com esses dados, as informações sobre os artistas ainda eram insuficientes para elaborar o ME. Por esse motivo, utilizamos entrevistas (realizadas via e-mail) com os artistas, para coletar dados mais específicos. O primeiro contato foi feito por meio de redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*), após o qual as entrevistas foram enviadas por e-mail aos artistas. A cronologia dos envios e recebimentos é apresentada na sequência:

Tabela 1 – Cronologia dos envios e recebimentos das entrevistas

Envios e recebimentos das entrevistas				
Ano	Edição	Artista	Envio	Entrega
1994	1º	Marta Berger	12/4/2019	14/4/2019
1995	2º	Ana Maria Tribuci	12/4/2019	16/4/2019 (Sem imagens)
1997	3º	Tadeu Bittencourt ⁴	<i>In memorian</i>	<i>In memorian</i>
1999	4º	Tadeu Bittencourt	<i>In memorian</i>	<i>In memorian</i>
2001	5º	Telomar e Mariana Florêncio	2/04/2019	Não entregou
2003	6º	Marlene da Silveira (IMAMAIAH) ⁵	Não possui redes sociais	Não possui redes sociais
2005	7º	Linda Poll	2/4/2019	8/4/2019
2007	8º	Sola Reis	19/6/2019	2/7/2019
2010	9º	Charles Steuck e Aline Assumpção	2/4/2019	2/5/2019
2012	10º	Flora Assumpção	8/5/2019	12/6/2019
2014	11º	Andrey Zignnatto	5/4/2019	21/4/2019

Fonte: Elaborada pelos autores com dados da pesquisa.

As onze obras selecionadas, que compõem o ME, fizeram parte de uma mostra contemporânea de Artes Visuais. Seguindo este movimento, foi utilizado como referencial teórico para a estruturar o ME a coleção *Temas da Arte Contemporânea*, de Katia Canton (2009). A autora desenvolveu seu trabalho a partir das obras que percorreram as exposições do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Em suas observações e análises, Canton (2009) descreve as cinco temáticas mais recorrentes nas produções contemporâneas, qual sejam: Da política às micropolíticas; Espaço e Lugar; Corpo, Identidade e Erotismo; Narrativas Enviesadas; e Tempo e Memória. A partir dessas temáticas, realizamos uma curadoria educativa e a análise das obras que venceram o Salão Elke Hering, que foram organizadas no ME de acordo com sua proximidade com as temáticas contemporâneas da arte.

Para além de um referencial teórico que servisse de base para a organização das obras no ME, o estudo de Lamas e Marmo (2012) acerca das características dos Materiais Educativos em arte contribuiu para a elaboração de uma proposta metodológica que segue uma linha coesa entre a educação e a Arte

Contemporânea. Sobre as diferentes composições dos MEs em arte, as autoras os classificam em três estilos diferentes, a saber:

[...] **materiais dependentes** de exposições de arte, ou seja, aqueles que não podem ser trabalhados independentes dessas ou mesmo fora do espaço do museu, pois as atividades são direcionadas para as obras que compõe a mostra em atividades que exigem a fruição diante do original; **materiais mistos**, que são concebidos a partir do estudo de uma determinada mostra ou acervo, mas que podem ser trabalhados dentro da exposição ou também fora dela; e **materiais independentes** desenvolvidos de forma dissociada de exposições e que, muitas vezes, são contemplados por obras de diferentes acervos, tanto institucionais, como também particulares (LAMAS; MARMO, 2012, p. 807).

A elaboração do ME deste projeto utilizou obras que pertencem ao acervo do MAB em sua composição, mas não necessita destas obras expostas para que a mediação possa ser realizada. Esta definição se deu, pois percebemos a dificuldade em acessar as obras originais que ficam no acervo e pela possibilidade de circulação do material em escolas e outros contextos, inclusive do próprio MAB. A partir desse entendimento, compreendemos que as características do ME elaborado o enquadram na categoria dos **materiais mistos**. Sobre este tipo de ME, as autoras afirmam que, “[...] por **materiais mistos**, entendem-se aqueles que foram projetados a partir de uma determinada mostra ou acervo, entretanto também podem ser trabalhados de forma independente dele” (LAMAS; MARMO, 2012, p. 810). O ME misto possibilita duas formas de pensar a mediação cultural: uma no museu de arte, com as obras originais, e a outra nas escolas, onde o “[...] profissional deverá adaptar seu conteúdo para a realidade da turma, construindo assim suas próprias propostas de ações educativas” (LAMAS; MARMO, 2012, p. 810).

Compreendendo o ME como um dispositivo de mediação cultural em espaços formais e não formais de ensino, a estrutura escolhida para o Mapa Educativo foi baseada na ideia de rizoma, já apresentada neste artigo. Segundo Lamas e Marmo (2012, p. 812):

[...] partindo de um olhar voltado à estrutura rizomática, pode-se entender o sistema de educação como um sistema conceitual aberto, ou seja, o conhecimento é construído a partir de origens múltiplas e distintas e que

pode ser acessado pelo estudante a qualquer momento na construção de um novo saber. Ao analisar uma imagem, por exemplo, o estudante poderá lhe atribuir novos significados, não somente artísticos, mas também sociais, sendo justamente nessa articulação que se dá a construção de novos conhecimentos.

Esta estrutura possibilita, tanto ao professor como ao aluno, a possibilidade de tecer novas relações a partir de suas realidades. Este processo só é concretizado porque o rizoma é uma rede aberta, que permite novas codificações e acompanha as mudanças que o ambiente sofre. Assim como o mediador, o ME se caracteriza pela ação propositora, que constrói os saberes na relação com as experiências e vivências de cada indivíduo que acessa o seu conteúdo. Esta foi uma escolha que tem como proposta a liberdade de entrar no ME por vários lugares, isto é, não é necessário usá-lo de forma linear e histórica na linha do tempo do Salão Elke Hering. Entretanto, é possível entrar pelas obras, pelos artistas, pelos temas e assim por diante. O percurso pode ser múltiplo, criando possibilidades ao mediador. O ME não propõe uma atividade única, pois compreende que o mediador e ou professor podem dele fazer múltiplas propostas. Assim, dele é possível a criação de um processo criativo, leituras de imagens, aprofundamentos de pesquisas com arte regional, arte contemporânea, reflexões teóricas e críticas, dentre outras. Essas propostas se devem à estrutura apresentada a seguir.

Compreendendo a estrutura rizomática como base para a elaboração do ME, dividimos o material em três blocos de proposições: **tema**, **lendo imagens** e **possíveis relações**. Cada bloco compreende diversas proposições, que podem servir de auxílio para professores e mediadores proporcionarem aos seus públicos encontros com a cultura e a arte. No bloco **tema**, apresentamos a temática da arte contemporânea a partir de Canton (2009), levando o mediador a pensar na relação entre o tema e a obra de arte. No bloco **lendo imagens**, entram em cena as obras e os artistas que se aproximam das temáticas definidas por Canton, instigando o observador a olhar com sensibilidade para os detalhes da obra e pensar suas conexões com a contemporaneidade. O terceiro bloco – **possíveis relações** – traz

algumas informações retiradas das entrevistas com os artistas e dos dados encontrados sobre as obras, a fim de orientar o professor e o mediador durante o processo de mediação cultural.

Nessa lógica foram elaborados 11 materiais diferentes, além do contexto do Salão Elke Hering e da história da artista que o Salão homenageia. Na sequência um dos materiais elaborados (Figura 4). Observa-se nele que o percurso é voltado ao mediador e ou professor, como um encontro com a obra e com o artista. Provoca-se nesse sentido uma relação com a teoria proposta por Canton, assim como com aspectos da obra do artista, dados sobre o mesmo e fragmentos de textos que analisam as obras. Ainda há no material perguntas que buscam provocar e deslocar o leitor, no intuito de que estas possam mobilizar novas leituras nos sujeitos por este mediado.

Num sentido geral, observa-se que o material foi elaborado para ser utilizado por um mediador ou um professor e as imagens com pranchas que podem ser utilizadas com diversos públicos. As perguntas, na sua maioria tem foco nas obras e nos temas identificados na relação com Canton. Ainda as perguntas são provocações para pensar o percurso de mediação cultural tanto para o professor ou mediador que ao deparar com o material se instiga pelo roteiro, quanto para o público ou na escola pelos estudantes. Assim, observa-se que o intuito é acessar a qualquer pessoa que tenha interesse em Arte Contemporânea, pois foi disponibilizado num sítio virtual.

Figura 4 – Material Educativo

Tadeu Bittencourt - 1999

ESPAÇO E LUGAR



“Os termos espaço e lugar têm o mesmo significado? Na verdade, cada um deles designa uma relação singular com as circunstâncias e os objetos, segundo o pensamento de Anthony Giddens. Para esse sociólogo britânico, a palavra ‘espaço’ é utilizada genericamente, enquanto ‘lugar’ se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências do mundo.” (CANTON, 2009, p. 15)

QUAL O ESPAÇO/LUGAR DA OBRA DE ARTE?

LENDAGENS

«Parede»

Técnica: Instalação pictórica

Materialidade: papelão, cimento e tintas diversas.

Dimensões: 2,40m x 7,10m



Na exposição, a obra do artista iniciava na parede e se estendia até o chão.

QUAIS AS PROVOCAÇÕES QUE A OBRA FAZ EM RELAÇÃO ÀS FORMAS DE DISPOR AS OBRAS NOS ESPAÇOS DE ARTE?

TECNIQUES

SOBRE ESTA FASE DA OBRA DO ARTISTA:
Singelas ramificações curvam-se no espaço. Os contornos ganham corpo, dançando à temperatura das marés, das correntezas, em tons frios e quentes.
Ações corriqueiras da vida humana também são representadas ao lado do mundo imaginário e retratadas poeticamente, como os ovos e grupos humanos. O cimento, a farinha, a vassoura em ação e tantos outros ingredientes da vida diária são incorporados como elementos e instrumentos para arte.
As obras inscrevem a existência da natureza e das banalidades na vida humana. (SCHMITT, 2004)

QUAIS AS AÇÕES COTIDIANAS QUE PODEM SER PENSADAS A PARTIR DA OBRA DE TADEU?

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Acompanhando as redes, em constante mudança no decorrer deste estudo, o ME foi apresentado em um sítio virtual provisório elaborado na plataforma Google Sites⁶, com vistas a possibilitar a democratização do acervo do MAB, no que diz respeito ao acesso por parte de professores, mediadores e público, e, também, com o intuito de facilitar os encontros entre arte e público, que se fazem tão necessários nos tempos atuais.

Considerações finais

Não seríamos coerentes com as discussões apresentadas em nossa pesquisa se utilizássemos a expressão 'concluimos que' nas considerações finais deste trabalho. Seguindo as raízes de um rizoma, o território de pesquisa estudado não está fechado às nossas conclusões; ao contrário, este processo se constitui de planos moventes, que possibilitam novas explorações a todo momento. As problematizações aqui apresentadas apenas deixam marcado, no território da Arte Contemporânea, mais um caminho a ser trilhado, e, neste caminho, estão também marcadas algumas considerações.

A primeira consideração compreende que esta pesquisa possibilita uma reflexão acerca da importância dos museus de arte para a democratização da arte presente nos acervos museais, mais especificamente no MAB, que dispõe de um acervo repleto de obras que representam Blumenau e os artistas que passaram pelo museu. No MAB, encontramos diversos caminhos que poderiam vir a ser explorados por novas pesquisas na área de mediação cultural, porém seu acervo deve ser mais frequentemente apresentado ao público, característica essencial a um espaço museal.

Seguindo com as considerações, este estudo aponta a importância da mediação cultural como processo educativo responsável por estabelecer uma nova relação entre arte e público, diferentemente dos modelos engessados característicos das explicações, que anulam a bagagem de vivências do público. Mediar a cultura pressupõe a participação dos sujeitos desta cultura, e o processo

rizomático tece relações com o repertório cultural daqueles que fruem da arte. Nesse sentido, compreendemos que o processo de mediação deve possibilitar ao público encontros com a arte, proporcionando educação estética e estesia a estes corpos.

A terceira consideração diz respeito ao mapeamento das temáticas da produção artística contemporânea apresentada no Salão Elke Hering, que, num recorte de 20 anos, ressaltava os MEs como dispositivos importantes para a ação de mediadores e professores nos espaços formais e não formais de ensino. Nessa mesma lógica, é importante ressaltar que um ME que apresente obras e artistas locais contribui para a valorização da arte local e regional, bem como para o reconhecimento da cidade de Blumenau como local que abriga uma produção artística diversa e marcada de signos representantes da história e da memória deste lugar. Por todas estas questões, consideramos que o ME produzido pode contribuir de forma significativa para as práticas de ensino formais e não formais, seja pelos aspectos já apresentados neste artigo ou por sua organização pensada pelo viés da proposição e não por uma didática linear. A ação propositora, usada na elaboração do ME, possibilita múltiplas possibilidades de propostas pedagógicas e artísticas, assim como a abertura para que diversos públicos o acessem, como professores, mediadores, estudantes e público em geral.

Como última consideração, ressaltamos a importância do arquivo histórico como local de potência para a pesquisa em arte. Através da história, compreendemos que os desdobramentos do passado exercem impacto sobre as relações que se estabelecem no presente. No que concerne à arte, este movimento não é diferente. O território da arte está em constante mudança, principalmente quando o que está posto é marcado por questões políticas. Aos próximos pesquisadores/cartógrafos, deixamos não só considerações acerca do território explorado, mas também provocações para novos desdobramentos. Um dos eventos mais importantes da arte catarinense não acontece desde o ano de 2014; aos próximos exploradores das cartografias da arte contemporânea cabe o questionamento: por quê? Por fim, abrimos espaços para novas reflexões e investigações.

Notas

- ¹ “Elke Hering nasceu em 1940, na cidade de Blumenau. Era bisneta de Hermann Hering, um dos pioneiros da indústria têxtil no Vale do Itajaí. Possuía espírito simples e humano. Transitou entre diversas linguagens artísticas e foi escultora, desenhista, gravadora, pintora. É uma referência da arte catarinense e da escultura nacional” (RAIZER; CARVALHO, 2018).
- ² A Oktoberfest é uma festa blumenauense de abrangência nacional, que mobiliza a cadeia turística da cidade desde a década de 1980.
- ³ Nas ciências biológicas, o rizoma é compreendido como um caule subterrâneo que se estende no solo e possibilita o crescimento de outras plantas a partir de uma mesma raiz.
- ⁴ O artista visual Tadeu Bittencourt faleceu no dia 3 de agosto de 2016. Os dados sobre suas obras e sobre a sua vida foram retirados de uma biografia lançada no ano de 2004.
- ⁵ Marlene da Silveira não possui redes sociais, por este motivo não foi possível entrar em contato com a artista. Os dados sobre sua obra foram obtidos de um material bibliográfico fornecido pela Divisão de Cultura da Universidade Regional de Blumenau (FURB).
- ⁶ Acesse o ME: <https://sites.google.com/view/mesaloelkehering/in%C3%ADcio>.

Referências

- CANTON, Katia. *Temas da Arte Contemporânea*. São Paulo: Editora WMF Martins, 2009.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*, Santa Maria, v. 7. p. 66-77, maio/ago. 2014. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>. Disponível em: <https://bit.ly/2SXMBev>. Acesso em: 20 set. 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: A. G. Neto e C. P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.
- FREITAS, Aline Amaral de; CARVALHO, Carla. Mediação Cultural: conceitos e proposições educativas. In: JUNGE, Lindamir Aparecida Rosa; HEINZLE, Marcia Regina Selpa (org.). *Reflexões e contribuições na formação de professores em artes visuais*: PARFOR/FURB. Blumenau: Edifurb, 2018. p. 119-133.
- GRINSPUM, Denise. Mediação em museus e em exposições: espaços de aprendizagem sobre arte e seu sistema. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 272-283, set./dez. 2014. <https://doi.org/10.22456/2357-9854.52606>. Disponível em: <https://bit.ly/3821SiK>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Os Museus. *Museus do Brasil*, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil>. Acesso em: 21 jul. 2019.
- LAMAS, Nadja de Carvalho; MARMO, Alena Rizi. Material Educativo em arte: investigação conceitual e metodológica. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – ANPAP, 21. Rio de Janeiro, 2012. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://tinyurl.com/y8zllhnp>. Acesso em: 2 maio 2017.
- MADDALOZZO, Sheila; SILVA, Cauana da. As linguagens das artes visuais em Blumenau: o Salão Elke Hering. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – ANPAP, 17. Florianópolis, 2008. *Anais [...]*. Florianópolis: Udesc, 2008. p. 1-12. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/190.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos da cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; MOSSI, Cristian Poletti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Conjectura: filosofia e educação*, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2HX4Qdl>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PERUZZO, Leomar.; CARVALHO, Carla. A criação do material educativo Elke Hering como proposta de mediação cultural a partir do acervo do Museu de arte de Blumenau. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 13. Curitiba, 2017. *Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: PUC-PR, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2vffrOx>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; OLIVEIRA, Maria Bernadete Baran de; NASCIMENTO, Rúbia Stein do. Museus: espaços de mediação cultural e construção de identidades. In: GEVAERD, Mercedes. Maria; PILLOTTO, Silvia. Sell. Duarte. (org.). *Educação Patrimonial: conexões interativas*. Lages: Grafine, 2011. p. 13-30.

PINTO, Julia Rocha. O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 82-108, maio 2012. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/issue/view/280>. Acesso em: 12 ago. 2019.

RAIZER, Gabriele.; CARVALHO, Carla. *Mediação Cultural: Materiais Educativos no Museu de Arte de Blumenau - MAB*. Relatório de pesquisa. Blumenau: FURB, 2018. Mimeo.

SOUZA, Severino Ramos Lima de; FRANCISCO, Ana Lúcia. *O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos...* Recife: CIAIQ, 2016. v. 2.

SPERBER, José Inacio; CARVALHO, Carla (org.). *Salão Elke Hering [MEs]*. 2023. Disponível em: <https://sites.google.com/view/mesaloelkehering/in%C3%ADcio>. Acesso em: 17 abr. 2023.

URIARTE, Mônica Zewe. *Escola, música e mediação cultural*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

URIARTE, Mônica Zewe. NEITZEL, Adair de Aguiar.; CARVALHO, Carla.; KUIPEC, Anne. Mediação Cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, Adair de. Aguiar.; CARVALHO, Carla. (org.). *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016. p. 37-51.

José Inacio Sperber

Licenciado em Artes Visuais (2020), Mestre (2023) e Doutorando em Educação, ambos com Bolsa de fomento da CAPES, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). É membro do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação (GPAEE/ FURB) e dedica-se a pesquisar os seguintes temas: Arte na Educação; Educação Estética; Mediação Cultural; Arte contemporânea; com ênfase na perspectiva dialógica da Linguagem (Bakhtin e o Círculo). Na área de Artes Visuais participa do Coletivo Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas (COLMEIA) e é representante titular na Cadeira de Artes Visuais, Design e Moda do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC) de Blumenau.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5270-0680>

E-mail: jsperber@furb.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8538131423313003>

Suellen Alves Francisco

Egressa do curso de licenciatura em Artes Visuais (2018/2019) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Estudante de design gráfico na instituição de ensino Escola Casa. Participa do Coletivo Corpos Dançantes como fotógrafa e integra a comissão de pesquisa e dialogo sobre a importância do coletivo para a sociedade. Atualmente trabalha voluntariamente como designer em um projeto de saúde mental para mulheres.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1203-4200>

E-mail: suellenalves38@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0125650088591242>

Carla Carvalho

Possui graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade Regional de Blumenau (1998), mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2003) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008). Atua como professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau (FURB) e na graduação em Cursos de Formação de Professores. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte na educação, artes visuais, mediação cultural, estética na Educação e formação de professores.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1402-7920>

E-mail: carcarvalho@furb.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3577819679344029>

Recebido em 20 de setembro de 2020

Aceito em 28 de janeiro de 2023

